

Crit Revolucionária 2022;2:e006

ARTIGO DE DEBATE

doi: 10.14295/2764-4979-RC_CR.v2-e006

Elementos para uma reelaboração crítica do conceito de fascismo

Elementos para una reelaboración crítica del concepto de fascismo

Elements for a critical reelaboration of the concept of fascism

Rogelio REGALADO MUJICA 

ⁱBenemérita Universidad Autónoma de Puebla - BUAP, Facultad de Ciencias Políticas y Sociales. Puebla, Pue., México

Recebido em 25 de março de 2022

Aceito em 02 de agosto de 2022

Autor de correspondência: Rogelio Regalado

Mujica rogelio.regalado@correo.buap.mx

Copyright: Artigo de acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC), que permite copiar e redistribuir, remixar, transformar e criar a partir do trabalho, desde que sem fins comerciais. Obrigatória a atribuição do devido crédito.

Resumo

O texto visa realizar uma análise crítica do conceito de fascismo e suas implicações para a política contemporânea. A proposta é dividida em três seções: a primeira é uma crítica à interpretação do chamado «fascismo catatônico», na qual é proposta a rejeição do ressurgimento do fascismo contemporâneo que retorna à arena política após ser aniquilado no final da Segunda Guerra Mundial. A segunda seção distingue o fascismo em suas formas «exotéricas» e «esotéricas». Esta distinção tem a ver com a compreensão da relação entre fascismo e capitalismo. Embora estas posições sejam em certa medida complementares, o texto tenta colocá-las em tensão, assim como mostrar os limites da leitura «exotérica» e as possibilidades abertas pela interpretação «esotérica». O trabalho termina com algumas notas

que servem para problematizar a reformulação do conceito de fascismo em um exercício crítico que procura acrescentar ao confronto de uma das mais terríveis formas de dominação da modernidade.

Descriptor: Fascismo; Capitalismo; Marxismo; Teoría Crítica.

Abstract

The text aims to carry out a critical analysis of the concept of fascism and its implications for contemporary politics. The proposal is divided into three sections: the first, raises a critique of the interpretation of the so-called «catatonic fascism», in which a rejection of the re-emergence of contemporary fascism that returns to the political arena after being annihilated at the end of World War II is raised. The second section distinguishes fascism in its 'exoteric' and «esoteric» «forms». This distinction has to do with the understanding of the relationship between fascism and capitalism. Although these positions are to some extent complementary, the text tries to stress them, as well as to show the limits of the «exoteric» reading and the possibilities opened by the «esoteric» interpretation. The work concludes with some notes that serve to problematize the reworking of the concept of fascism in a critical exercise that seeks to add to the confrontation of one of the most terrible forms of domination of modernity.

Descriptors: Fascism; Capitalism; Marxism; Critical Theory.

Resumen

El texto pretende realizar un análisis crítico alrededor del concepto de fascismo y sus implicaciones para la política contemporánea. La propuesta se divide en tres apartados: el primero, plantea una crítica a la interpretación del aquí denominado «fascismo catatónico», en la que se plantea un rechazo a la reemergencia del fascismo contemporáneo que vuelve al terreno político tras ser aniquilado al finalizar la Segunda Guerra Mundial. El segundo apartado, distingue al fascismo en su forma «exotérica» y «esotérica». Esta distinción, tiene que ver con la comprensión de la relación existente entre fascismo y capitalismo. Aunque estas posiciones son hasta cierto punto complementarias, el texto intenta tensionarlas, así como muestra los límites de la lectura «exotérica» y las posibilidades que abre la interpretación «esotérica». El trabajo concluye con algunos apuntes que sirven para problematizar la reelaboración del concepto de fascismo en un ejercicio crítico que busca sumar al enfrentamiento de una de las formas de dominación más terribles de la modernidad.

Descritores: Fascismo; Capitalismo; Marxismo; Teoria da Crítica.

Introdução

Contra o fascismo catatônico

No final da chamada Segunda Guerra Mundial, os Aliados declararam o fascismo sem pulso vital e celebraram nos escombros o triunfo da democracia exigido tanto pelos **socialistas** como **pelos capitalistas**. Deram instruções aos seus meios de comunicação para publicarem a hora da morte e colocá-la, como peça de museu, na sala onde estão expostas as vitórias da civilização. No alvorecer da história, as vítimas foram também sepultadas num passado que se supunha cada vez mais distante e dissecado com absoluta precisão, concluindo-se que não passava de um lamentável acidente no fluxo da modernidade que já tinha sido relatado. Contudo, no final do século XX, o século da catástrofe, como lhe chama Hobsbawm,¹ uma força repressiva foi imposta em muitos lugares do mundo. As ditaduras latino-americanas, o Vietname, Pol Pot, o México 1968 e uma longa lista de outras, acrescentaram com maior ou menor intensidade aos paralelos com aqueles anos de domínio fascista na Europa. Para os comentadores políticos, isto significava que o fascismo talvez mantivesse um olhar aberto que refletisse a dinâmica do autoritarismo e da barbárie.

No discurso dos Estados Unidos e dos seus cúmplices, a desintegração da União Soviética cristalizou o triunfo da democracia representativa, o que significava que o ressurgimento de qualquer regime autoritário no mundo era impossível. A cadeia de significados que o triunfalismo americano carregava também estava ligada ao “desaparecimento” do Estado nacional em favor de uma interdependência cada vez mais profunda que colocou ânimos renovados na globalização na fase neoliberal. De tal forma que o apoio nacionalista, assumido como pilar da forma fascista, já não parecia uma preocupação contemporânea.

Tal perspectiva não durou muito. Por um lado, enfrentou críticas brutais que abalaram os seus alicerces, como demonstra a emergência zapatista cuja radicalidade face à falsa dignidade do multiculturalismo proveniente dos centros de poder questionou tudo. O mesmo aconteceu com a Batalha de Seattle e o seu desafio contra a arquitetura que teceu o mercado mundial. Por outro lado, uma resposta conservadora refletiu a rejeição da globalização através de processos como os que acompanharam a dissolução da Jugoslávia ou a matriz nacional popular que o progressismo latino-americano adotou no início do século XXI. A sobrevivência do nacionalismo, fortalecida pela sua oposição à globalização, já mostrava que a possibilidade de o ultranacionalismo palingenético² ser renovado como força social permanecia aberta.

Alguns anos depois, em 2008, a crise acentuada do capitalismo colocou mais uma vez em cima da mesa a possibilidade de colapso do mundo social tal como o conhecemos. A força das reivindicações, com forte eco, porque foram expressas desde o norte global, iluminou os edifícios de Nova Iorque, Londres, Roma, Madrid, etc. *O Occupy* deu lições de uma política prefigurativa³ que mostrou, pelo menos por momentos, que o colapso do capital não parecia tão distante, embora tenha trocado a sua possibilidade emancipatória com o abandono da revolução pela democracia.⁴ Contudo, ao mesmo tempo que a força destes movimentos lutava entre a cooptação institucionalizada e a possibilidade de um mundo diferente, uma figura muito mais sombria germinou na crise *do subprime e noutros setores igualmente atingidos pelo desastre financeiro*. Talvez o dia 8 de novembro de 2016 possa ser visto como o momento mais midiático do caminho percorrido pela ira popular com a eleição de Donald J. Trump nos Estados Unidos. Se antes desse momento havia sinais dos mais privilegiados centros de produção e difusão de conhecimento de uma emergência **neofascista, populista de direita**, etc., lançada com exagerada contenção, depois do fenómeno Trump parecia que todas as primeiras páginas aceitaram a mudança de coordenação na geometria política oficial e anunciaram que aquele fascismo exposto, mais que morto, tinha síndrome catatônica e estava de volta às ruas.

Esta interpretação, bastante difundida entre os mais diversos setores políticos, é apropriada se o fascismo for compreendido apenas na superfície, na sua manifestação aberta e militante. Obviamente, para sustentar esta crítica é necessário um argumento que detalharemos a seguir, embora antes seja necessário estabelecer um breve comentário sobre a difusão do conceito.

Os conceitos são divididos em um campo de batalha. A identificação do sujeito e do objeto no conceito tem consequências políticas tão importantes quanto perigosas, razão pela qual a sua discussão é central. O conceito de fascismo foi difuso desde o momento em que foi cunhado. Para além da definição que o partido de Mussolini fechou, o que ele tentou nomear subiu por diferentes ramos. O problema é que, após a derrota militar das potências do Eixo, foi incorporado na linguagem popular de forma tão ampla que a sua enunciação se tornou uma ferramenta política de dois gumes e um fardo analítico. Tem sido muito comum a direita e a esquerda acusarem-se mutuamente de serem fascistas com o objetivo de desacreditar o adversário e ganhar terreno. Além disso, muitos grupos conseguiram desenvolver políticas de identidade no Estado com base nas suas queixas contra um fascismo que os oprime. Autoritarismo, totalitarismo, antisemitismo, racismo, xenofobia e misoginia foram identificados com o mesmo termo. Todos os males cabem no fascismo, mas, no final, ele se torna tão relativo que não basta explicar e posicionar-se para além do imediatismo se o concebermos neste campo. Vale a pena falar sobre fascismo então? Definitivamente. A questão é avançar do

imediatismo para a profundidade para dar conta do conteúdo crítico, em oposição ao positivo, que tal conceito tem.

Do primeiro ponto de vista, o positivo, domina a tradição de pensá-lo a partir da jaula de ferro que o norte global lhe impôs na sua produção colonial de conhecimento: um problema delimitado geográfica e temporalmente que não pode ser reproduzido de forma idêntica porque as condições que emergiu foram bloqueados através das instituições criadas precisamente para contê-lo e o fizeram com sucesso. Do segundo ponto de vista, a especificidade histórica negativa é partilhada, mas não deve ser confundida com exclusividade. Nenhum conceito serviria para compreender, em termos históricos, mais do que o processo para o qual foi desenvolvido. A possibilidade lógica nos move contra a estática: ela posiciona precisamente a especificidade como um argumento contra o ontológico. Auschwitz não pode ser repetido na história, mas a sua lógica passa continuamente diante dos nossos olhos.

Voltando ao tema do fascismo catatônico, é importante pelo menos delinear o argumento da sua rejeição: deste ponto de vista, não é possível explicar as mediações que se estabelecem entre a constituição de um regime ou forma de governo e a sua dispersão social. Se apenas se entendesse um ressurgimento do fascismo ou se limitasse a propor linhas de continuidade a partir do seu aparecimento como forma de governo, não só fariam da questão do fascismo um aspecto da “política”, mas não do “político”, que naturalmente pode estar contido “no” Estado, com os elementos da democracia representativa e seu concurso de popularidade quando tenta ser transparente, mas, além disso, o movimento de massas aparentemente elementar teria um papel instrumental e vitimizador. Nada mais seria do que uma massa inerte levada à barbárie baseada numa motivação utilitarista, entre a minimização da dor e a maximização do prazer, que se alinha com o regime tão adocicado pela promessa de libertação quanto aterrorizado pela possibilidade de punição. Mais uma vez, esta posição ilumina relações importantes que devem ser estudadas, mas para encerrar o assunto, seria presumir que a espontaneidade de uma força se baseia em muito mais do que uma corrente de ar.

Se a emergência do fascismo for entendida exclusivamente como uma forma de governo, pode-se propor um programa de pesquisa que aborde esta dimensão de forma muito limitada, como tem sido abordado por boa parte da academia dominante em disciplinas como a Ciência Política nos últimos anos. anos^a, por exemplo. Se, pelo contrário, se entender que as linhas de continuidade iluminam uma latência que é na verdade o centro e não a margem, as consequências políticas nos deslocariam do espaço exclusivo das instituições oficiais para o campo popular.

A ideia catatônica torna nebulosa a substância do fascismo, mas descritivamente é útil para compreender o imediatismo e construir uma estratégia política mobilizadora. Falar em retorno também tem a ver com trauma, com a negação de que o que causou o terror esteja realmente entre nós.

Fascismo exotérico e fascismo esotérico

A interpretação da espontaneidade, a catatônica, tem um ponto de contato que pode ser adicionado a outra linha mais geral em que se juntam tradições políticas diferentes, e muitas vezes opostas. Refiro-me a uma interpretação que chamei de “fascismo exotérico”^{b.5}

Como basicamente qualquer manifestação social, o fascismo está amplamente relacionado ao capitalismo. Compreender a forma e a substância desta relação é essencial para compreender a sua dinâmica não de forma isolada ou fragmentada, mas sim interligada a uma série de violências e processos que exigem grandes esforços de investigação para revelar as suas características particulares.

A verdade é que a ideia de que existe uma relação entre o fascismo e o capital, que parece mais do que óbvia em diversas leituras críticas, não é tão óbvia noutras tradições amplamente difundidas. Nos argumentos liberais, por abrangerem uma corrente que não é estritamente liberal e que apresenta grandes divergências em seu interior, a relação entre fascismo e capital, no máximo, é apresentada a partir da descrição corporativista do Estado e do papel desempenhado pelos grandes senhores da indústria no período entre guerras. Esta visão, sem maiores explicações, ignora a profundidade das relações sociais capitalistas que, evidentemente, não são idênticas ao mercado ou à acumulação de dinheiro por indivíduos ou grupos de indivíduos. Muito provavelmente, o trabalho produzido sob este ponto de vista enriqueceu o conhecimento sobre as particularidades dos sistemas políticos, das práticas governamentais e de outras manifestações institucionais de regimes históricos fascistas. Contudo, mesmo quando demonstram grande espírito de combate a esta força política, o seu discurso termina numa reconciliação com a mera vontade que abraça a ordem existente^{c.6}

A relação entre fascismo e capital que é apresentada nas leituras “liberais” constitui um exemplo francamente faminto de fascismo exotérico, embora seja extremamente importante mencioná-lo devido ao confronto político que abre com vários argumentos críticos. É precisamente a partir deste último que podemos estabelecer com muito maior precisão as características do fascismo exotérico. Especificamente, refere-se à ligação entre o fascismo e o capitalismo, mas apenas compreendendo este último na sua exterioridade. Isto não significa que o fascismo seja visto fora do capitalismo, mas sim que o seu

ponto de contato é a superfície, o que surge do capitalismo, e não a sua substância. Como diria Moishe Postone,⁷ seria uma crítica à distribuição e não à produção.

Talvez seja natural que esta corrente tenha tido nas suas fileiras vários militantes marxistas que viveram a ascensão do fascismo europeu, uma vez que um dos objetivos básicos deste último era dismantelar a organização proletária numa batalha travada nas ruas. Nesse caminho, destacam-se as discussões da Terceira Internacional e seus acirrados debates, onde tem sido particularmente famosa a interpretação de Thalheimer⁸, que estabeleceu um diálogo entre o fascismo e o bonapartismo, distinguindo estas formas pela reconfiguração das relações de capital, especialmente da dinâmica imperialista de daquela época, o movimento de massas e as diferenças culturais nos territórios em que se manifestavam, para dar conta de um fenômeno verdadeiramente novo e, portanto, historicamente específico. Contudo, talvez seja na voz de Clara Zetkin,⁹ membro da Internacional das Mulheres, que a crítica a um dos princípios mais importantes da leitura marxista militante foi mais claramente exposta: a ideia do fascismo como contrarrevolução.

Na sua implacável emergência contra as organizações proletárias, Zetkin⁹ posicionou muito bem a ideia de que o fascismo deveria ser entendido não como um simples contra-ataque da burguesia para subsumir o poder proletário, mas sim como uma punição pela sua incapacidade de estender a revolução, uma questão que foi não só fermentando a nível militar, mas também a nível ideológico e político, penetrando até nas camadas mais fortes do proletariado.

Esta crítica, embora importante para pensar o fascismo não apenas como sujeito, mas também como objeto, contém um limite que reside na contingência. Parece haver uma relutância em compreender o fascismo nos seus próprios termos: a contrarrevolução ou o fracasso da revolução é entendido como uma duplicação do papel do proletariado. A possibilidade de o fascismo se desenvolver como regime depende provavelmente de condições conjunturais ligadas às relações de classe, mas a sua possibilidade de existência encontra-se apenas naquilo que lhe é imanente.

Contudo, a experiência do fascismo como contrarrevolução tem muito a dizer sobre a ação política histórica e contemporânea. Talvez dois de seus mais proeminentes seguidores, Gramsci¹⁰ e Trotsky¹¹, possam nos oferecer uma perspectiva mais aguçada sobre o assunto. O conceito de fascismo em Gramsci¹⁰ amadureceu conforme a situação e está extremamente relacionado com todo o seu corpus teórico. Na verdade, é possível interpretar o seu trabalho em geral como uma luta contra o fascismo.

Embora sobretudo seus primeiros escritos contribuam para a leitura da contrarrevolução, em suas abordagens também se podem observar elementos que abriram caminho para uma perspectiva não estagnada na estratégia:

O que é o fascismo se observado em escala internacional? É uma tentativa de resolver problemas de produção e questões financeiras com a submetralhadora e o revólver. As forças produtivas foram arruinadas e desperdiçadas na guerra imperialista: vinte milhões de jovens no auge da vida e com as suas capacidades intactas morreram, outros vinte milhões ficaram incapacitados; os milhares e milhares de ligações que ligavam os diferentes mercados mundiais foram violentamente rompidas; Mudaram drasticamente entre a cidade e o campo, e entre a metrópole e as colônias; Os fluxos migratórios – que restabeleceram periodicamente o equilíbrio entre o excedente populacional e o potencial dos meios produtivos de uma nação – foram distorcidos e não fluem normalmente. Criou-se uma unidade e simultaneidade de crises nacionais que, portanto, torna a crise geral extremamente dura e duradoura. Mas em todos os países existe uma camada da população – a pequena e média burguesia – que se considera capaz de resolver estes problemas gigantescos através de metralhadoras e tiros, e esta camada alimenta o fascismo, fornece tropas ao fascismo.¹⁰ (34)

Este argumento, ao mesmo tempo que se apoia na imagem da contrarrevolução, encontra o seu terreno fértil numa vida em crise. A reflexão sobre este último encoraja-nos a estabelecer uma ligação não mecânica, certamente extremamente relevante para os dias de hoje, mas sobretudo situada nas múltiplas variáveis que atravessam uma situação.

Além disso, é muito interessante compreender a ênfase que Gramsci coloca na Primeira Guerra Mundial não como uma derrota do proletariado no meio da disputa imperialista e da crise da sua expansão colonial, mas como o dano à própria vida causado pela brutalidade de um conflito que não poderia simplesmente terminar com os Tratados de Paz. A ênfase na estratégia, na coerção e no consenso é muito importante para combater o terreno político manifesto, mas a atenção a uma sombra que transformou a própria vida pela particularidade da sua violência, abre uma dimensão na relação com o capital que não cabe na sua explicação econômica.

Por outro lado, Trotsky¹¹ também foi forçado a lutar contra o fascismo neste momento, embora a experiência italiana já estivesse em desenvolvimento há

vários anos na altura dos seus primeiros escritos sobre o fenómeno. Em particular, Trotsky analisa a ascensão dos nazistas do ponto de vista da derrota do proletariado e da sua incapacidade de formar um partido que pudesse enfrentar o avanço fascista, caracterizado fundamentalmente por uma resposta da pequena burguesia no contexto do desastre financeiro de 1929^d.

A questão central de Trotsky¹¹ é verdadeiramente relevante hoje: porque é que, no momento em que as condições materiais tornam possível a superação do capital, assistimos ao surgimento do terror e não da emancipação? A sua resposta está enredada na frustração da organização proletária e na sua incapacidade de tomar o poder do Estado. A missão histórica do fascismo, de pôr fim ao último remanescente do proletariado segundo Trotsky: “[...] a essência e o papel do fascismo consiste em liquidar completamente todas as organizações operárias e impedir qualquer renascimento delas”,¹¹ foi dolorosamente executado, embora não necessariamente pelo regime fascista.

O problema de focar a atenção neste conceito de fascismo é que, se a razão básica do fascismo é aniquilar o proletariado, que sentido tem a sua implantação contemporânea? Se o que resta do proletariado hoje só pode ser articulado através do progressismo, que nem sequer carrega em si elementos fundamentais do proletariado, então o que é necessário como contrarrevolução nada mais é do que uma caricatura, que definitivamente não corresponde ao que enfrentamos.

Obviamente, hoje que o proletariado já não existe, existem outras forças na sociedade que estão incomodadas com a terrível situação que nos assola e que têm poder esclarecedor, mas o argumento da contrarrevolução, se for apresentado em termos reacionários, não pode ser sustentado. mas através de um conceito reducionista da luta de classes entre proprietários e despossuídos ou, na sua atualização, entre privilegiados e marginalizados -Não só o fascismo, mas os fascistas personificados como tais, tornam-se o instrumento de uma burguesia movida pela acumulação que, para resolver a crise que atravessa, liberta as correntes da besta. No entanto, não existe uma relação mecânica entre a crise do capital e o fascismo, nem um comando central que puxe os fios, como tem sido repetidamente demonstrado nas reconfigurações do capital, tanto nos seus agentes como nas relações de poder em nível nacional e internacional.

A relação entre fascismo e capital para o marxismo militante é uma promessa de garantia sobre a acumulação e circulação de capital. A sua análise política é verdadeiramente útil para abrir a estratégia de um movimento com aspirações a estabelecer-se como regime, mas a sua conceptualização do capitalismo, que em última análise é reduzido à esfera económica sem anular imediatamente as suas implicações políticas e sociais, não dá conta de a profundidade que pode

ter numa sociedade onde prevalece a “riqueza como enorme acumulação de mercadorias” e, portanto, onde o valor estrangula as suas condições.

Uma leitura identitária do fascismo é extremamente problemática: com todo o reconhecimento que podemos ter das lutas, resistências e desafios que colocaram à dominação, é necessário insistir que, tanto política como analiticamente, abordar o fascismo a partir da sua positivização nos leva a realizar as mesmas práticas que procura erradicar.

Promover uma leitura não identitária do fascismo é uma tentativa que pode ser identificada em nome do “fascismo esotérico”. O ponto de partida desta interpretação é a relação intrínseca entre fascismo e capital, onde este não se reduz a um modo de produção e muito menos a uma coisa. Isto não quer dizer que as condições e disputas de classe apresentadas superficialmente não sejam relevantes, mas antes que devem ser vistas apenas como uma dimensão do problema e não como um todo. Compreendê-lo desta última forma condiciona a ação política ao fracasso.

É possível que a origem desta proposta tenha sido formulada num momento histórico algo paralelo ao do fascismo exotérico, embora o núcleo experiencial^e uma elaboração crítica muito mais radical tenham como resultado o desdobramento de uma proposta muito relevante para o nosso tempo. Entre os primeiros estudos que podemos citar nesta linha estão os realizados pelo Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt. Para os pensadores da primeira geração da chamada Teoria Crítica, o surgimento dos nazistas não foi uma surpresa. Na realidade, o trabalho que desenvolveram em relação à autoridade, ao papel da classe trabalhadora, da família, entre outros, fez com que levassem a sério os sinais de alerta que se manifestaram no caminho traçado pelos nazis, embora seja provável que simplesmente devido à sua orientação intelectual e especialmente à sua condição racial, eles não tinham muita escolha além de uma atenção aguda e temerosa.

Quando os nazis chegaram ao Instituto, este já tinha basicamente ido para o exílio, onde continuaram uma luta contra o fascismo tão ativa e contraditória que significou mesmo a participação de alguns dos seus membros mais proeminentes nos serviços de inteligência do governo dos EUA sob o governo dos EUA sob o slogan, como diria Pollock em entrevista conduzida por Martin Jay,¹² de fervoroso antinazismo^g.

Alguns dos elementos mais importantes do fascismo esotérico foram precedidos por um debate inicial entre o capitalismo de Estado e o capitalismo monopolista que surgiu a partir do trabalho de Friedrich Pollock¹³ e Franz Neumann^h.¹⁴ O que se discutiu foi basicamente a clarificação do caminho percorrido pela transformação do capital face ao esgotamento da sua forma

liberal, resultando ou numa primazia do político ou, por outro lado, numa primazia do econômico. O que isto significa que o capitalismo era controlado por agentes políticos ou que, pelo contrário, os monopólios eram as entidades mais importantes na manutenção da dominação. Ambas as propostas foram muito importantes para as discussões sobre o Estado nas décadas seguintes, embora a perspectiva que teve maior circulação tenha sido a de Pollock, apoiada por Horkheimer e Adorno.¹⁵ Do ponto de vista de Pollock,¹³ o que estava em jogo com a reconfiguração do capital era uma disputa pelo poder que já não era travada através da posse dos meios de produção, mas sim uma espécie de gestão de controle que estava ligada ao crescimento das políticas fascistas, embora também explicasse o capitalismo de estado socialista e até mesmo o *New Deal* de Roosevelt .

Nessas interpretações, ainda limitadas por um conceito de capital fundamentalmente econômico, acrescentou-se o esclarecimento de mais um aspecto sobre o regime nazista e a sociedade pós-liberal, como destacou Marcuse:¹⁶ a indissolubilidade da aspiração ao poder político e a lógica da acumulação. O entrelaçamento destas duas manifestações, que hoje parece bastante comum para a esquerda não ortodoxa, foi um contributo extremamente importante para repensar a relação entre Estado e capital e, portanto, questionar o papel do fascismo apenas como instrumento na luta de classes.

Precisamente essa foi uma das muitas questões que tanto Adorno quanto Horkheimer foram encarregados de trabalhar durante o curso da guerra e depois que ela terminou. Especialmente para Adorno era importante considerar os elementos subjetivos mobilizados pelo fascismo que não cabiam na militância. Não foi apenas a disputa pelos recursos e pela acumulação que se manifestou na Europa, mas o próprio declínio do mundo burguês cuja expressão máxima se concretizou na catástrofe chamada Auschwitz. A racionalidade instrumental, o mundo administrado, a violência da burocracia e as formas como o capitalismo se manifesta na vida quotidiana, semearam um terror que não pode ser separado do genocídio, embora seja claro que para estes pensadores, o poder do fascismo não se reduz à sua expressão concreta, mas deve ser pensada nas condições abertas pela racionalidade capitalista que tornam possível a implantação do fascismo.

Em “Elements of Antisemitism”, Horkheimer e Adorno¹⁵ apresentam a dupla dimensão das relações sociais capitalistas como produção e circulação e os efeitos que tiveram na implantação do antissemitismo burguês. Ao nível da produção, o lado “concreto” do capitalismo, os trabalhadores vivenciaram (obviamente ainda vivenciam), além das péssimas condições de trabalho, a violência dos salários como representação da separação da sua criação. Porém, essa miséria não foi suficiente para que saíssem em hordas rebeldes nas ruas. Pelo contrário, o controle oculto da mercadoria dispôs o responsável pela

circulação, o comerciante, como a encarnação de um mal total: “o comerciante mostra a carta que assinou ao industrial. Aquele que atua como oficial de justiça de todo o sistema e atrai para si o ódio que deveria recair sobre os outros”.¹⁵ (219)

A crítica que Adorno continuou a desenvolver ao longo da sua vida foi muito importante para compreender a dimensão objetiva do capitalismo e a sua relação com o fascismo. Em "O que significa retrabalhar o passado?"¹⁷ estabelece que “a ideologia dominante hoje é definida pelo fato de que as pessoas, quanto mais dependem de constelações objetivas que não controlam ou não acreditam controlar, mais subjetivam essa impotência”,¹⁷(§⁸) O argumento ressoa na sua expressão do fascismo como uma mistura de “King Kong e o cabeleireiro do bairro”: numa sociedade caracterizada pela submissão do indivíduo face à dominação impessoal que decompõe a vida, a relevância para o grupo é assumida como a onipotência elementar da identificação como força coletiva (a substituição do ego grupal por um superego, indica Adorno). Ou seja, é a submissão do indivíduo ao todo salvador e, portanto, o sentimento de perda do próprio indivíduo, que naturalmente não se limita à categoria burguesa, mas à sua própria existência reprimida pela violência da totalidade. As relações sociais capitalistas não podem esgotar-se no imediatismo, na distribuição e na circulação, mas antes têm um efeito que atravessa a própria existência onde o fascismo se torna uma latência que foi engravidada pelo valor.

Notas para o desenvolvimento de um conceito crítico de fascismo

O fascismo exotérico, com a sua ênfase contrarrevolucionária, tem sido amplamente aceite por um setor importante da esquerda contemporânea. Seu corpo foi adjetivado e preenchido com prefixos para dar conta de uma particularidade que guarda paralelos com o fascismo nascido no período entre guerras. Na sua perspectiva, está a fermentar uma oposição entre o fascismo e a democracia que só pode ser verdadeira se for pensada do ponto de vista do totalitarismo e do fascismo equiparado à ditadura. O Movimento Democracia na Europa 2025 – DiEM25 no norte ou o Grupo Puebla na América Latina, por exemplo, estabeleceram uma mobilização progressista, a partir da democracia, para bloquear a inserção de fascistas no Estado. A tarefa pode ser genuína, mas o seu conceito é incapaz de conter o fascismo dentro das suas próprias forças.

Por outro lado, o fascismo, numa perspectiva esotérica, não perde de vista o famoso comentário de Adorno sobre o grande perigo que representa a sua sobrevivência na democracia, e não a tendência contra ele. A sua forma social não pode ser reduzida à sua agenda política, mas deve ser interpretada/ combatida como a relação intrínseca que mantém com o capital, que inclui a modernidade civilizada.

Muito se tem falado sobre a violência como um elemento nuclear do fascismo, um poder genocida que já se concretizou na história, mas se a sua natureza está entrelaçada com a violência do capital, não pode ser simplesmente uma construção do inimigo nos termos de Carl Schmitt,¹⁸ mas da geração de fronteiras que já está contida na identidade da implantação do capital. Precisamente, a particularidade da violência no capital não é apenas o mundo das condições de trabalho ou a injustiça da distribuição da riqueza, mas a constituição do trabalho socialmente abstrato como substância de valor, como mediação absoluta das relações sociais.

A relação do fascismo com o capital não consiste na violência desmascarada para garantir a distribuição desigual dos frutos do trabalho, mas na sua luta fetichizada contra a dominação abstrata, finalmente contra o valor. Moishe Postone¹⁹ ilustrou muito bem este argumento em 'The Logic of Anti-Semitism', embora a sua interpretação tivesse de ser transferida para as características exibidas pelo fascismo em geral. Além disso, acrescentando ao argumento de Postone,¹⁹ é vital não considerar que o trabalho socialmente abstrato é uma oposição real ao trabalho concreto. As expressões do concreto, a dimensão do valor de uso na mercadoria, também fazem parte da mobilização fascista, como se reflete amplamente no discurso das raízes que se repete continuamente e é definitivamente mediado pela dinâmica do capital.

Igualmente popular tem sido a descrição do fascismo com base no seu racismo, xenofobia, misoginia e outras formas terrivelmente repressivas. Mas a diferença entre o primeiro e o segundo não é necessariamente quantitativa, não é que o fascismo seja mais explicitamente racista do que outras relações sociais, ou que o seu cerne resida na soma de todos estes tipos de violência. Pelo contrário, a diferença é de natureza qualitativa. O tipo de racismo, por exemplo, presente no fascismo é particularmente moderno. Isto significa que não toma a diferenciação racial como princípio, como instrumento para atingir um objetivo, mas antes a coloca como uma ameaça, como um fim. O genocídio perpetrado pelos colonizadores na América foi profundamente racista, mas na medida em que a parte **inferior** do corpo das vítimas era o dispositivo para a produção e acumulação comercial, não como uma ameaça **irracional** à existência. A agressividade contra as mulheres contida no fascismo, que quando expressa em termos militantes está intimamente ligada a grupos evangélicos e outros movimentos religiosos, não é a mesma que está presente nas formas patriarcais das sociedades pré-capitalistas, mas baseia-se num movimento contra a ameaça à vida, como exemplificado pelo desespero de controlar o corpo e a reprodução.

A diferença qualitativa que o fascismo apresenta pode ser entendida como uma disputa contra a dominação abstrata gerada pelo capital. Obviamente, temos representantes ou agentes favorecidos na máquina capitalista no mundo,

mas a objetividade do capital, esse movimento que depende do sujeito mas parece operar desvinculado dele, vai além de suas manifestações pessoais. A ameaça que o capitalismo representa contra a vida é duplamente fetichizada, tão abstrata e tão concreta: abstrata na medida em que a objetividade é incorporada em grupos que atendem aos critérios de representação fantasmagórica (judeus e dinheiro, migrantes e ciganos como a sua falta de nacionalidade, etc.); concreto porque há uma essência do social que pode bem ser expressa no discurso das raízes, da comunidade concreta que incentiva a superação do medo e da dor e que é definitivamente mediada pela dinâmica do capitalismo:

A crítica alemã, para a qual o formalismo kantiano era demasiado racionalista, mostrou o seu colorido sangrento na práxis fascista, que a fazia depender da aparência cega, do pertencimento ou não a uma determinada raça, que tinha de ser morta. O caráter aparente de tal concretude, o fato de que as pessoas foram incluídas em conceitos abstratos com abstração completa e tratadas de acordo, não apaga a mancha que desde então manchou a palavra “concreto”. Mas isto não invalida a crítica à moralidade abstrata. Nem esta nem a ética do valor supostamente “material”, carregada de normas efêmeras e eternas, são suficientes diante da constante inconciliabilidade entre o particular e o universal.²⁰ (221)

O fascismo, entendido deste ponto de vista, não pode ser considerado exclusivamente como uma forma de governo ou um movimento político, mas como uma prática social impessoal e adaptativa. Mas este conceito não pretende ser positivo: à primeira vista talvez a sua proposta gere ansiedade, um sentimento sufocante porque parece que a sua oposição não tem lugar, que pelo contrário só podemos assumir o diagnóstico. Na realidade, pretende ser exatamente o contrário, pretende assumir uma posição não idêntica, embora pela mesma razão não possa oferecer um programa específico ou uma estratégia exclusiva. Mesmo assim, deveria servir, em termos políticos, como uma reafirmação de que a prática antifascista, que muito contribui para melhorar as condições de vida no futuro imediato, reitera cem vezes que o problema central continua a ser a existência do capitalismo.

Nota de agradecimento

Aprecio muito os comentários a este texto feitos no curso “Estado e Capital” ministrado por John Holloway durante a primavera de 2022 no Instituto de Ciências Sociais e Humanas da Benemérita Universidad Autónoma de Puebla - BUAP.

^a O projeto é ainda mais limitado quando se considera que apenas alguns paralelos podem ser estabelecidos com o período entre guerras, porque ainda não há nenhuma manifestação que se assemelhe em grau ao que aconteceu na década de 1930 na Europa.

^b Esta denominação de fascismo exotérico e esotérico é inspirada no trabalho de Robert Kurz sobre Marx e segue as suas pistas para uma classificação analítica em termos críticos.

^c Estes pensadores deveriam ser lembrados da poderosa declaração de Horkheimer: “quem não quiser falar sobre capitalismo também deve permanecer calado sobre o fascismo”.

^d Como podemos notar, nas posições do “marxismo militante”, para nomeá-lo de alguma forma, a linha que existe entre a contrarrevolução e a incapacidade do proletariado é tênue, embora a interpretação nos leve a duas formas diferentes de abordar o fenômeno.

^e Confrontado com o desvanecimento das categorias sociológicas de classe, uma oposição entre “os que estão acima” e “os que estão abaixo”, por exemplo, emergiu em muitos dos discursos da esquerda, incluindo nos espaços radicais.

^f É muito importante mencionar que os contribuidores da interpretação exotérica também fizeram parte de uma experiência brutal: não devemos esquecer que Gramsci e Trotsky foram duas das muitas vítimas da ordem social. Os seus interesses políticos influenciaram significativamente as análises que realizaram, mas a sua interpretação teórica também foi crucial. Este comentário deve ser considerado um lembrete de quão custosa era a sua posição e, portanto, merece todo o reconhecimento possível, mas ao mesmo tempo é também uma defesa da importância da teoria e do que ela deveria significar no nosso tempo.

^g Na verdade, este era o único requisito que deviam cumprir aqueles que eram apoiados pelo Instituto no exílio, que eram fundamentalmente estudantes e não figuras de renome.

^h Entre os textos mais notáveis deste debate está "Capitalismo de Estado. Suas possibilidades e limitações", de Pollock e "Behemoth" de Neumann.

Referências

1. Hobsbawm E. Historia del siglo XX. Buenos Aires: Crítica; 1998.
2. Griffin R. The nature of fascism. London: Routledge; 1993.
3. Brissette E. The prefigurative is political: on politics beyond 'The State'. En: Dinerstein A, editor. Social science for another politics: women theorising without parachutes. London: Palgrave Macmillan; 2016. p. 109-20.

4. González Cruz E. From revolution to democracy: the loss of the emancipatory perspective. En: Dinerstein AC, García Vela A, González Cruz E, Holloway J, editores. Against a closing world. London: Pluto Press; 2019. (Open Marxism, Vol. 4).
5. Kurz R. Marx 2000: la importancia de una teoría dada por muerta para el siglo XXI. Constelaciones Rev Teor Crit. 2016;(8-9):28-45.
6. Horkheimer M. Los judíos y Europa. Constelaciones Rev Teor Crit. 2012;(4):2-24.
7. Postone M. Time, labor, and social domination: a reinterpretation of Marx's critical theory. New York: Cambridge University Press; 1993.
8. Thalheimer A. Sobre el fascismo. [lugar desconocido]: Sociedade Futura; 1930 [citado 13 out 2020]. Recuperado de: <https://sociedadfutura.com.ar/2020/10/13/august-thalheimer-sobre-el-fascismo/>
9. Zetkin C. Fighting fascism: how to struggle and how to win. [Chicago]: Haymarket Books; 2017.
10. Gramsci A. Italia y España. En: Clavería C, editor. El fascismo: la sombra negra de cien años de barbarie. Madrid: Altamarea; 2019.
11. Trotsky L. La lucha contra el fascismo: el proletariado y la revolución. Ciudad de México: Fontarama; 2017.
12. Jay M. La imaginación dialéctica: historia de la escuela de Frankfurt y el Instituto de Investigación Social (1923-1950). Madrid: Taurus; 1979.
13. Pollock F. Sobre el capitalismo de estado. Ennegativo Ediciones; 2019.
14. Neumann, F. Behemoth: pensamiento y acción en el nacional socialismo. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica; 1943.
15. Horkheimer M, Adorno T. Dialéctica de la ilustración: fragmentos filosóficos. Madrid: Trotta; 1994. Elementos del Antisemitismo; pp. 213-50.
16. Marcuse H. Tecnología, guerra y fascismo. Buenos Aires: Ediciones Godot; 2019.
17. Adorno T. Crítica de la cultura y sociedad. Vol. 2. Madrid: Akal; 2009. Libro electrónico. ¿Qué significa reelaborar el pasado?
18. Schmitt C. El concepto de lo político. Madrid: Alianza; 2009.

19. Postone M. La lógica del antisemitismo. En: Postone M, Wajnsztein J, Schulze B, editores. La crisis del estado-nación: antisemitismo-racismo-xenofobia. Barcelona: Alikornio Ediciones; 2001.

20. Adorno T. Dialéctica negativa. Madrid: Akal; 2014.